

Lisístrata: Um retrato social e político.

Aristófanes (448 – 380 a.C.) teria pouco mais de 17 anos quando a Guerra do Peloponeso eclodiu. Viveu dentro desta realidade grande parte da vida o que fica evidente pelas obras que foi escrevendo a partir de 425 a.C., quando *Os Acarnenses* venceu o festival das Leneias. A peça aborda o período da guerra e, tal como *Os Cavaleiros*, tem um enredo pró-Paz, algo que poderá ter tido peso na vitória de ambas nas Leneias, já que a Paz era o sonho de muitos.

A vivência que Aristófanes acumulou nos anos da guerra e a expressividade com que a conseguiu transmitir, mesmo que brincando com o conflito – levando-o ao ridículo por vê-lo como ridículo –, tornaram-no numa importante fonte para entender o período. “*A dimensão ‘política’ da comédia antiga leva a que as comédias de Aristófanes possam inclusive servir de guia para compreender o ambiente que se vivia na Atenas do último quartel do século V e do sentimento de desencanto que iria criar condições para que o regime democrático fosse posto em causa*¹. ” Os sinais deste fim de regime serão o foco deste trabalho, mas olhemos primeiro para as mulheres, pilar essencial da *Lisístrata*.

A comédia surge em 411 a.C., no 20º ano da guerra fraticida que divide a Hélade. Além do retrato que faz do impacto do conflito, Aristófanes deixa-nos um testemunho sobre a situação da mulher no século V a.C., chamando a atenção para os efeitos que o conflito tem sobre aqueles que, mesmo não combatendo, ficam em casa a tentar sobreviver. Mas o comediógrafo também brinca com a ideia, dizendo-nos a dado passo que as mulheres sofrem não só porque têm os maridos fora como ainda por cima “*nem mesmo amantes nos sobra um para amostra*” (v.108).

Focando-se nas mulheres e no que estas preparam para obter um acordo entre Atenas e Esparta, a primeira impressão que a comédia deixa é tratar-se de uma obra feminista, em que as mulheres dão a volta aos homens surgindo como as defensoras da Grécia – “*Ou o destino desta terra passa para as nossas mãos, ou se acaba de vez com a raça dos Peloponésios*” (v. 33). Mas há duas dimensões distintas da mulher na peça: A primeira, é a forma como as mulheres surgem representadas, rotuladas de fracas, barulhentas, viciadas em sexo, desinteressadas ou inferiores, falando até com naturalidade sobre serem violadas pelos maridos (v. 160-164). Mas uma coisa é como são representadas, outra é como se apresentam, e Aristófanes sublinha bem a diferença entre as duas ideias na relação de Corifeu e Corifeia, sendo que esta última nunca se deixa assustar pelo primeiro – “*Ora bate! Anda, estou à espera. Mas mais nenhuma cadela te deita as unhas aos tomates!*” (v. 362-363)². Assim, e apesar do quadro social de Aristófanes mostrar a condição inferior da mulher, esta, com a conivência do autor, surge num patamar mais alto: se as mulheres são vistas como viciadas em vinho ou maquilhagem, mais desdém encontramos naquele que o autor dedica aos homens, viciados em sexo, poder, dinheiro e guerra – a este propósito veja-se que a crítica ao amor das mulheres pelo vinho com o desenrolar da peça evolui até termos os homens a elogiar esta bebida³.

Idêntica dicotomia encontramos sobre o desligamento das mulheres da vida pública. Apesar de representadas como desinteressadas, as mulheres surgem desligadas da política não por opção mas porque são obrigadas a fazê-lo, o que fica evidente numa das justificações de Lisístrata para o protesto: “*Se vocês armavam barraca atrás de barraca e nós*

¹ RIBEIRO FERREIRA, José, LEÃO, Delfim, *Dez Grandes Estadistas Atenienses*, Edições 70, p. 209

² Corifeia vai até mais longe quando sublinha que só é subjugável quando quer: “*Tudo o que eu quero é ficar sossegada no meu canto, que nem uma donzela, sem mexer uma palha. A menos que alguém se venha meter no vespeiro para colher o meu mel, e me irrite.*” (v. 475)

³ “*Quando estamos sóbrios, não damos conta do recado. E se os Atenienses me derem ouvidos, daqui para a frente será sempre com os copos que iremos em embaixada*”, (vv. 1230-1232)

nem um conselho vos podíamos dar. (...) Se vocês quiserem ouvir os conselhos sensatos que vos damos e, por vossa vez, ficar de bico calado, como nós ficávamos, aí nós poderíamos consertar-vos as coisas” (v. 520-527). A peça surge como uma ode à capacidade de resolução de conflitos das mulheres em oposição à capacidade dos homens em fazer guerra. É o próprio Corifeu que acaba por reconhecer o verdadeiro potencial das mulheres⁴.

É no relato que as mulheres fazem da vida na guerra que Aristófanes começa a desenhar o cenário em que Atenas caiu. Além da ausência dos maridos, surge também a falta de matéria-prima como a madeira (v. 421), e até os cidadãos, com o alongar do conflito, começam a perder o respeito pelo costume e leis, sendo que a sobrevivência diária tornou-se numa guerra própria como se vê no episódio do fontanário (v. 327-335). É curioso também o paralelismo que o autor faz entre o templo bloqueado pelas mulheres e a greve. Para acabar com a guerra, as mulheres fecham não só o acesso ao corpo, que todavia deve ser exibido, como fecham o acesso ao tesouro da cidade, que todavia todos sabem onde está. Ora, é neste ponto que as mulheres vencem: se para estas o único bloqueio que lhes custa é o sexual (v. 135), para os homens a conjugação das proibições deixa-os num beco sem saída de onde só sairão se resolverem outro: a falta de soluções para a guerra. Aqui Lisístrata é demolidora, reflectindo que a greve, no fundo, é para defender os homens de si próprios – “*Temos de te salvar meu caro*” (v. 502).

Aristófanes e a tragicomédia de Atenas.

Na *Lisístrata* são vários os pontos de contacto entre a comédia e a realidade de Atenas, com Aristófanes a não se coibir de tocar nas feridas que via na Polis. “*Em casa, ouvíamos falar das decisões estúpidas que vocês tomavam (...). Tempos depois, ouvimos falar de outras decisões vossas, piores ainda do que as anteriores*” (v. 510 e seguintes), critica Lisístrata. O autor deixa bem claro ao longo da comédia que a cegueira do homem fará persistir a guerra enquanto houver dinheiro para tal (v. 489-492), numa crítica especialmente dura quando vem de Corifeia⁵.

Neste ponto devemos sair das páginas de Aristófanes e concentrar-nos em Atenas para percebermos a extensão das críticas. A deterioração das condições na cidade e da democracia são dos primeiros aspectos apontados por Aristóteles e Tucídides em relação aos anos iniciais da guerra. Depois da ascensão de Péricles, a decisão de começar a pagar aos juízes pela prestação de serviço foi a causa “*apontada por alguns, da degradação dos tribunais*” e também do “*início [da] corrupção*”, através dos subornos a juízes. Mas foi com a morte deste Estadista que a situação de Atenas entrou em colapso: “*Enquanto Péricles esteve à frente do povo, a situação política manteve-se num cenário favorável; após a sua morte, porém, ficou bastante pior*”, diz-nos Aristóteles⁶. E se o autor fala dos que se seguiram a Péricles e aos hábitos que estes trouxeram⁷, levando à ascensão de ‘condutores do povo’ menos preocupados com a população, devemos acrescentar o impacto que a peste que vitimou Péricles em 429 a. C. teve no ânimo geral dos atenienses.

⁴ “Porque se algum de nós capitular e lhes der uma deixa, por pequena que seja, não há nada a que essas tipas se não atrevam com aquelas mãos laboriosas que elas têm. Até embarcações elas constroem, e têm de arranjar maneira de nos caírem em cima e de navegarem contra nós”, v. 671-676

⁵ “Eis porque tenho o dever de dar à cidade os melhores conselhos. Se nasci mulher, não me condenem por isso, nem por dar um contributo superior ao que se pratica por aí. Também pago a minha quota com os homens que produzo. Em compensação, pobres velhos, a vossa participação é nula, porque o tesouro herdado dos antepassados, ao tempo das guerras pérsicas, gastaram-no vocês sem o compensarem com o pagamento de impostos. O que nos põe em risco de nos vermos arruinadas, por vossa culpa. E ainda se acham com direito a rosnar?” v. 649-657

⁶ Aristóteles, “Constituição dos Atenienses”, 27.4-5 e 28.1

⁷ “Com a morte de Péricles, o guia dos notáveis foi Nícias, que havia de perecer na Sicília, e coube a Cléon, filho de Cleóneto, a direcção popular. Ao que parece foi este, com as suas impulsividades, quem mais corrompeu o povo: foi o primeiro a gritar na tribuna, a usar termos insultuosos e a discursar com a roupa cingida, enquanto os outros se exprimiam com decoro”, Aristóteles, op. cit., 28.3

“Os corpos dos mortos amontoavam-se uns em cima dos outros e criaturas meio-mortas cambaleavam pelas ruas e juntavam-se à volta de todos os fontanários no seu desespero por água”, diz-nos Tucídides, que nos confessa também que “à medida que a catástrofe passava todos os limites, os homens, não sabendo o que lhes iria acontecer, tornavam-se completamente indiferentes a tudo, fosse sagrado ou profano”. Isto acabou por criar uma sociedade em Atenas focada no *Carpe Diem* mais do que no respeito pela tradição ou pelos deuses. Diz-nos Tucídides: “A perseverança naquilo que os homens chamam de honra era sentimento que ninguém respeitava (...). A regra que se seguia era a do gozo do presente (...). O medo dos Deuses e das leis dos homens era bem pouco para lhes pôr freio⁸. ”

A descrença em que caiu Atenas acabou por acelerar o fim da democracia. Além da ascensão de maus políticos, a descrença generalizada criou sólido fértil para a emergência dos sofistas, que atearam o fogo do individualismo em oposição à tradição. Num quadro de uma guerra sem fim à vista e em que a morte podia surgir a cada segundo, fosse pela espada, fome ou doença, a retórica, a persuasão e um conjunto de princípios em que a lei passa a ser vista como uma repressão da natureza ganham novo potencial junto das massas, sobretudo quando apresentadas por mestres da retórica. “A divulgação das doutrinas dos Sofistas (...) começa a transmitir a ideia de que nada tem valor, senão a vida do dia-a-dia, a vitória imediata, o lucro, o interesse de cada um. Os acontecimentos parecem dirigidos pelo acaso e não terem outras leis senão a ocasião oportuna – o Kairos. Os chefes políticos e os ambiciosos orientam o seu modo de proceder e tudo aferem – o justo, o belo, o honesto – pelo útil (*Sympheron*) e pelo vantajoso (*Chrêsimon*)⁹. ”

Do relato de Tucídides sobre as revoluções que iam eclodindo nos dois lados da guerra, notamos que os maus hábitos não foram exclusivo de Atenas: “Os líderes das cidades (...), embora afirmassem defender os interesses públicos, procuravam era encontrar formas de obter vantagens pessoais, e, não recuando perante quaisquer meios na sua luta pela supremacia, entregavam-se aos mais ominosos excessos.” Tucídides vai mais longe e diz que “a ancestral simplicidade, na qual a honra tanto contava, foi ridicularizada e desapareceu”, havendo até uma inversão de mentalidades: “A prudente hesitação [passou a ser vista] como traiçoeira cobardia; a moderação como cobertura dos seres efeminados; a capacidade para ver todos os lados duma questão como inépcia para agir em qualquer deles; a oculta conspiração como justificada forma de autodefesa. O partidário de medidas extremas era sempre credor da maior confiança; o que lhe opunha, pelo contrário, era objecto de todas as suspeitas¹⁰. ”

A Grécia estava assim repleta de maus governos à frente de uma sociedade que dava cada vez mais primazia ao individual face ao colectivo, e o evento que iria precipitar a derrota de Atenas estava à porta e também Aristófanes lhe faz referência na *Lisístrata*, quando critica aqueles que defendiam a expedição à Sicília em 415-413 a.C. (v. 390). A expedição era vista por quem a defendia como uma forma de enriquecer – “[Alcibiades] estava extremamente ansioso pelo comando de uma operação, através da qual esperava submeter a Sicília e Cartago, delas saindo a ganhar pessoalmente, em riquezas e fama, como fruto das suas vitórias¹¹” – e foi aceite porque “a ideia do povo comum e dos soldados era assegurar um soldo e fazer conquistas que forneceriam um interminável fundo para pagamentos¹²”.

⁸ Tucídides, “História da Guerra do Peloponeso”, Livro II.52 e seguintes

⁹ Ribeiro Ferreira, “Grécia Antiga”, p. 139

¹⁰ Tucídides, *op. cit.*, III.82 e seguintes

¹¹ Tucídides, *op. cit.*, VI.15

¹² *Idem, ibidem*, VI.24

Foi na sequência desta expedição que tudo se precipitou. Primeiro, e na véspera da partida para a Sicília, e talvez como sinal da perda de respeito pelas tradições ou por manobra política, deu-se a mutilação das estátuas de Hermes¹³, também revisitado por Aristófanes (*v. 1094*), escândalo visto como mau augúrio para a expedição e que rapidamente foi associado a Alcibiades. Depois, seguiu-se o descalabro da expedição, que Aristóteles não tem qualquer dúvida em apontar como responsável pela queda da democracia – “Assim que, após o desastre da Sicília, a facção dos Lacedemónios se tornou mais forte, graças à aliança com o Grande Rei [Tissafernes, da Pérsia], eles [atenienses] viram-se obrigados a derrubar a democracia e a estabelecer o governo dos Quatrocentos. (...) Foi desta maneira que a oligarquia se instalou¹⁴. ” Segundo Aristóteles, que situa a ascensão dos 400 no Targélion [Maio-Junho], a queda da democracia terá ocorrido depois da apresentação da *Lisístrata* nas Leneias, que se realizavam no Gamélion [Janeiro].

A sequência dos escândalos religiosos e do insucesso da expedição à Sicília resultaram também na condenação de Alcibiades *in absentia*, que acaba por fugir para Esparta ajudando pouco depois na tomada da Deceleia pelos Lacedemónios, que ganham assim uma fortificação perto de Atenas. Este avanço obrigou a Polis a viver em clima de mobilização permanente, algo que encontramos por diversas vezes ironizado na *Lisístrata* (*v. 556 e seguintes*).

Usando a sua comédia como um manifesto pelo entendimento entre os gregos, confrontados de novo com os persas, como a *Lisístrata* dá conta (*v. 1130-1135*), Aristófanes acaba por incorrer na mesma falha que levam Tucídides e Aristóteles a criticar os demagogos. Os episódios a que o comediógrafo recorre para lembrar as virtudes das alianças entre Atenas e Esparta surgem deturpados (*v. 1137 – 1155*), com o autor a omitir que a ajuda ateniense foi recusada por Esparta em 464 a.C. e que, anos antes, o apoio de Esparta para acabar com a tirania de Hípias resultou numa tentativa de aniquilar a democracia. A necessidade de até Aristófanes esconder parte da relação de Atenas e Esparta acaba por realçar a longa história de atritos entre ambas, sendo que nem depois da chegada dos Quatrocentos houve paz¹⁵.

Bibliografia

ARISTÓFANES, “*Lisístrata*” in “*Comédias – Volume II*”, introdução, tradução do grego e notas de Maria de Fátima Sousa e Silva e Carlos Martins de Jesus, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Outubro 2010

ARISTÓTELES, “*Constituição dos Atenienses*”, 3ª Edição, introdução, tradução do original grego e notas de Delfim Ferreira Leão, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Dezembro 2011

TUCÍDIDES, “*História da Guerra do Peloponeso*”, introdução Luís Lobo-Fernandes, tradução da língua inglesa de David Martelo, Lisboa, Edições Sílabo, 1ª Edição, 2008

RIBEIRO FERREIRA, José, LEÃO, Delfim F., “*Dez grandes estadistas Atenienses*”, Lisboa, Edições 70, 1ª Edição, Setembro 2010

RIBEIRO FERREIRA, José, “*A Grécia Antiga*”, Lisboa, Edições 70, 1ª Edição, Setembro 2004

¹³ “No meio destes preparativos, todas as pedras Hermes da cidade de Atenas (...) numa só noite, apareceram, na sua maioria, com os rostos mutilados. (...) O assunto foi encarado com toda a seriedade, dado que se pensou tratar-se de um acto agoirento para a expedição e parte de uma conspiração para levar a cabo uma revolução, com o fim de derrubar a democracia”, in Tucídides, *op. cit.*, VI.27

¹⁴ Aristóteles, *op. cit.*, 29.1 e 32.2

¹⁵ “Enviaram também uma embaixada aos Lacedemónios, com o intuito de porem fim à guerra, no ponto em que ambos se encontravam. Mas porque os Espartanos não quiseram atendê-los, a não ser que renunciassem à supremacia marítima, eles abandonaram as negociações”, Aristóteles, *op.cit.*, 32.3